Pelas entrelinhas do poder: resistência e revide em *A Selva*, de Ferreira de Castro.[1]

Rodrigo Anderson Machado Cavalcante[2]

Resumo: O romance *A selva*, de Ferreira de Castro, é considerado uma das mais importantes produções literárias a abordarem os conflitos sociais e políticos durante o período da exploração da borracha na Amazônia. Neste sentido, objetivamos através deste artigo, compreender e evidenciar como o personagem Tiago resiste, juntamente com os demais personagens seringueiros presentes na narrativa, às imposições violentas do seringalista Juca Tristão. Para tanto, nos apoiamos em teóricos que versam sobre a resistência dos sujeitos pós-coloniais tais como Bhabha (1998); Bonnici (2003, 2005), além de nos situarmos historicamente em Souza (1994), Gondim (2009), Cunha (1999), entre outros. A partir da análise da obra verificamos que o escravo alforriado Tiago consegue romper com a escravidão de seus companheiros de seringal e do domínio do seringalista sobre si através da cortesia dissimulada e do uso de resistência violenta. Tiago mostrou-se submisso às vontades de Juca Tristão, porém após presenciar castigos que lhe remetiam ao passado escravocrata rompe com o domínio sobre si e coloca-se como sujeito ao não admitir que a escravidão prevaleça sobre ele e os demais seringueiros.

Palavras-chave: A selva, resistência e revide, período gomífero

Abstract: The novel *Jungle*, of Ferreira de Castro, is considered one of the most important literary productions to discuss the social conflicts and politics during rubber exploration times in the Amazon. In this sense, we objectify by means of this paper, understand and show how the character Tiago resist, jointly with another rubber tappers characters in the narrative, to the violent impositions from the Juca Tristão. We supported on authors that talk about the colonized's resistance as Bhabha (1998); Bonnici (2003; 2005), apart from situate us historically on Souza (1994), Gondim (2009), Cunha (1999), among other authors. Come from the work's analysis we've checked that the slave Tiago manages to broke with the slavery from his friends and from the rubber plantation boss's domain over him through the sly civility and use of violent resistance. Tiago appears to be submissive to Juca Tristão's desires, however after to witness punishments that remind to his slavery past he breaks up with domain over himself and over the others rubber tappers and put himself as subject to no more admit that the slavery remain over himself and over the rubber tappers.

Key-words: The Jungle, resistance and retaliation, rubber times

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação da professora Mestra Joanna da Silva, a ser defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a coordenação do professor José Amarino Maciel de Brito, do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Acadêmico finalista do curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, do IEAA/UFAM.

1. INTRODUÇÃO

Entre as diversas fases históricas da Amazônia, a que foi intitulada de *boom* da borracha foi uma das mais importantes e abordadas pela literatura de cunho regionalista. Entre os autores mais importantes deste período, temos José Maria Ferreira de Castro, com o romance *A selva* (1930), uma das obras de maior relevância para o período e também obra de valor ímpar para a carreira do autor, que o fez precursor do neorrealismo português.

Entre os diversos temas trabalhados na obra temos a exploração dos migrantes nordestinos e a figura dos seringalistas, que em sua maioria são representados como indivíduos agressivos e especuladores. Além destes personagens históricos, o autor também inclui o negro como uma figura de destaque dentro do romance, contrariando à marginalidade dada a ele após a abolição da escravatura.

Desta forma, com o presente trabalho buscaremos analisar como a personagem Tiago, um negro alforriado, resiste à hegemonia de Juca Tristão e ao final, não suportando mais a truculência e a crueldade com a qual seu patrão comandava o seringal, revidou aos castigos impostos por ele aos companheiros de seringal.

Para compreendermos como se configurou o regime de semiescravidão dos seringueiros na Amazônia, faremos uma contextualização histórica dos principais aspectos da história amazônica, desde a chegada dos primeiros expedicionários até o advento do período de maior expressão econômica e política da região, que foi o período de exploração da borracha, durante o final do século XIX e início do século XX. Para tanto nos respaldamos teoricamente em autores que abordam a história amazônica como Gondim (2007), Souza (1994), Cunha (1999), além daqueles que versam sobre a questão da resistência de sujeitos pós-coloniais como Bhabha (1998), Bonnici (2005, 2009), entre outros. Em seguida faremos a análise da obra a partir dos dados históricos e dos conceitos teóricos sobre resistência.

2. As estreitas relações entre Literatura e Sociedade

Literatura e sociedade possuem estreitas ligações. Muitos teóricos tomam a literatura como reflexo da sociedade, porém a relação entre as duas não se dá de forma simplória, envolve aspectos culturais, ideológicos, sociais, linguísticos e estéticos, os quais são trabalhados na mente do autor e transformados em obra artística.

Afirmar que a literatura retrata a realidade social é, na atualidade, algo pouco inovador, porém já houve tempos em que tal afirmativa teve ares de inovação. Por volta do século XVII, tivemos filósofos, como Vico, que identificaram a literatura com as

civilizações, Voltaire com as instituições, e Herder com os povos (CANDIDO, 2006). Assim, mesmo direcionadas a áreas de atuação diferentes, as ideias dos filósofos sempre estiveram de alguma forma vinculadas aos aspectos sociais em suas diferentes formas.

Para Candido (2006), a teoria da literatura sob um viés sociológico tem mostrado-se problemática, já que há a ausência de uma estrutura analítica objetiva para a interpretação da obra. O que se vê é uma série de conceitos oriundos dos olhares críticos que por vezes pegam somente o que lhes cabe e descartam o restante, como se o trabalho estético fosse fator secundário dentro da obra literária. O que é contraditório, já que o trabalho estético da linguagem é fator primordial dentro da obra.

Ao tomarmos a literatura como produção social, que reflete valores e aspectos de uma determinada sociedade, podemos cair no reducionismo de levar em conta apenas em qual nível determinada obra é capaz de "copiar", ou "imitar" a sociedade e transformá-la em matéria artística/ficcional. Embora esta seja uma concepção válida, analisar uma obra sob o viés sociológico vai muito além da simples descrição dos aspectos que ela "copia" da sociedade.

De acordo com Silva (2003, p. 123) "um texto literário não é melhor porque reflete bem a sociedade; mas, sim, que um texto literário é bom porque é bem escrito, porque trabalha a linguagem de forma criativa". Desta forma, se tomarmos a literatura como simples cópia de estruturas e aspectos sociais estaremos desmerecendo o trabalho artístico do autor, seu trabalho com a linguagem de maneira estética e enriquecida.

Para Candido (2006, p. 26) "o poeta [...] possui o seu próprio espelho, sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que se passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade". Uma obra literária sofre influências do meio social e ao mesmo tempo devolve ao meio uma reflexão acerca daquela realidade que é absorvida pelo autor e transformada esteticamente em obra de arte.

Ao analisar o prefácio de Antônio Candido, na obra *Literatura e Sociedade*, Silva (2003, p. 131) aponta que "a crítica sociológica deve mostrar os elementos sociais como constituintes da estrutura, e não da superfície do texto.". Desta forma, ao tomarmos a literatura sob um olhar social, deve-se compreender que a estrutura narrativa também é produto da sociedade, buscando-se assim elencar de que forma o social influi não só no conteúdo mas também na estrutura da obra.

É justamente sob esta óptica da investigação e análise sócio-cultural sobre o texto literário, que propomos desenvolver nossa análise, tomando como objeto de

investigação o romance intitulado *A Selva*, escrito pelo português José Maria Ferreira de Castro, obra esta de forte teor sociológico, fato este que justifica uma análise nesta área.

3. Domínios coloniais: origens, vertentes e implicações

Antes de adentrarmos à análise do romance A *Selva*, torna-se necessário empreendermos um estudo de contextualização acerca de alguns conceitos e dados históricos que serão necessários para o entendimento da análise da referida obra, tais como: o colonialismo, o colonialismo Amazônico e o que foi o ciclo da borracha. Embora o contexto da obra não seja mais o colonialismo europeu, faz-se necessário compreender o colonialismo pelo fato de o sujeito negro colonizado e escravizado ser oriundo deste sistema ideológico de dominação e exploração.

O conceito de colonialismo nem sempre abrangeu uma ampla gama de relações sociais e econômicas. De acordo com Loomba (1998), baseada no dicionário Oxford da Língua Inglesa, o termo colonialismo advém das colônias romanas, e referia-se aos romanos que se assentavam em outras terras, mas ainda nutriam relações com sua terra de origem. Ou seja, a ação de colonizar restringia-se a ação de mudança de uma região para a outra com o intuito de cultivá-la, sem romper com laços que uniam o colonizador a sua terra natal.

Corroborando com tal conceito, Bosi (1992) recorre às raízes latinas do termo, o qual deriva do verbo latino *colo,* e significou na língua de Roma, *"eu moro, eu ocupo a terra,* e, por extensão, ele o define como:*eu trabalho, eu cultivo o campo.*

Já segundo Bonnici (2005, p.21), "o colonialismo consiste na opressão militar, econômica e cultural de um país sobre o outro". Neste sentido, verificamos a ampliação do termo que agora abrange outras relações que não só a de extensão territorial. Isto se dá porque o colonialismo europeu rompeu com o simples cultivo de terras e deu ao termo novas implicações. Nas palavras de Loomba (1998, p. 2).

> [...] o processo de 'formar uma comunidade' em uma terra nova necessariamente significa deformar ou reformar as comunidades que já existissem lá, e envolveu uma ampla gama de práticas incluindo comércio, saques, negociações, guerras, genocídios, escravidão e rebeliões.

A partir desta definição dada pela teoria, somos levados a refletir a respeito do colonialismo europeu como pertencente a esta ampla gama de ações nos territórios "conquistados", quebrando assim com a neutralidade do termo em suas origens. Na maioria das vezes os conquistadores não encontraram os territórios vazios, havia os

habitantes originais que se tornavam “empecilhos” para seus objetivos colonizatórios, que consistia em expandir a ação de dominação não só do novo território como também dos povos que lá residiam.

O intuito da colonização europeia não estava simplesmente vinculado com o cultivo de forma simplória, uma vez que a atividade de colonizar tinha como objetivo primordial a busca por fontes econômicas, terras que fossem encontradas e que mostrassem ser potencias origens de riquezas, como o ouro, eram de imediato tomadas em nome do rei de Portugal, da Espanha ou qualquer outro país hegemônico.

No livro intitulado *A descoberta da América* (2003), Tzvetan Todorov faz um levantamento significativo das ações coloniais aplicadas por conquistadores europeus nas terras pertencentes aos antigos impérios mexicanos. Os relatos são os mais diversos, mas sempre estão impregnados de crueldade e genocídios contra os habitantes das terras conquistadas.

A partir desta ampla gama de ações praticadas em decorrência do colonialismo, Bonnici (2005) afirma que há três tipos de colônias: a) colônias de povoadores (como foi o caso do Brasil, Austrália e Canadá); b) colônias de invasores (Índia, Nigéria, Senegal, Sri Lanka) e por último as colônias duplamente colonizadas como as ilhas do Caribe.

Esta configuração se dá porque as práticas coloniais desenvolvidas não seguiram um mesmo padrão, configuram-se de acordo com a realidade de cada país. Por exemplo, as ilhas do Caribe são consideras colônias duplamente colonizadas pelo fato de que tiveram a sua população original dizimada e por esta razão os colonizadores tiveram de repovoar as ilhas com povos trazidos de outros países, como os escravos oriundos da África.

Dada a sua complexidade, o colonialismo das potências europeias fez com que as relações entre colonizador e colonizado ficassem mais complexas, a ponto de prendê-lo em uma relação binária, a qual vai reger e legitimar a ação colonial a partir do primeiro contato entre ambos.

Tal relação é binária porque advém do conceito de alteridade que é manipulada em favor do colonizador que, munido do discurso que legitima suas ações de dominação, subverte os nativos da terra e toma suas posses em nome da fé cristã e da coroa, portuguesa ou espanhola, como ocorreu durante o “processo civilizatório” do qual o continente Americano foi vítima.

4. O colonialismo Amazônico

A história da Amazônia está diretamente ligada ao colonialismo na América, uma vez que, até o contato dos europeus com as terras que hoje nomeamos por Amazônia, estas pertenciam aos povos indígenas que aqui já habitavam. No entanto, o mundo só passou a conhecê-las a partir das expedições e da invasão e dominação dos colonos europeus sobre os povos e as terras amazônicas.

A vinda dos colonizadores para a Amazônia teve o intuito de buscar novas fontes econômicas para sustentar suas economias e expandir seus domínios territoriais. A conquista e a efetiva exploração amazônica se deu de forma bastante gradativa, repleta de oscilações, uma vez que até a instalação das primeiras colônias houve uma série de fatores que auxiliaram a não fixação dos exploradores, tais como: a dificuldade de acesso, o clima inóspito, as doenças tropicais, entre outros.

Nas palavras de Gondim (2007), a Amazônia não foi "descoberta", mas sim "inventada". Isto se dá porque antes de se ter o contato efetivo com o contexto amazônico, os europeus construíram um imaginário folclórico e mitológico a respeito do meio ambiente e dos habitantes da região, tais concepções muitas vezes foram mantidas e cultivadas ao invés de serem desmitificadas pelos primeiros expedicionários. Era importante que o imaginário mitológico fosse mantido, o tom de aventura para territórios tão distantes nutria a curiosidade e tornava-se um convite para a vinda de outros exploradores.

As primeiras empreitadas coloniais, segundo Souza (1994) não geraram grandes avanços para a exploração econômica, muitas delas geraram muito mais perdas do que ganhos. Obviamente, as perdas mais significativas foram para os indígenas, já que muitas tribos, ao resistirem à imposição do domínio colonial, foram dizimadas, enquanto outras rederam-se, perdendo suas terras em nome da coroa espanhola e portuguesa, muitos dos seus foram sacrificados em combates por seus domínios.

Em uma das expedições a visitar a Amazônia, a primeira, datada de 1541, e tida como uma das mais importantes, temos como cronista o frei dominicano Gaspar de Carvajal, graças aos seus relatos temos acesso ao ponto de vista do colonizador em relação as terras do "Novo Mundo", e como os fatos ocorreram a partir de seu olhar. Souza (1994, p. 29) afirma que "para o cronista, somente um ponto era comum entre o índio e o branco: a violência com que atacavam ou se defendiam. Por isso deviam ser erradicadas e os povos amazônicos destribalizados".

Ao analisarmos a opinião do cronista sobre os indígenas somos levados a questionar até que ponto sua opinião era justa e correta para com os indígenas. O

empreendimento colonial não só invadia as terras que já possuíam donos, como também utiliza de extrema violência para usurpá-las de seus donos. Em contraponto, o discurso colonial reverte a situação e propaga a imagem dos indígenas como seres selvagens e sanguinários que atacam de forma aleatória, como se eles não tivessem o direito de lutar por seus domínios e sua hegemonia.

Colonização e violência parecem traçar íntimas relações, já que os colonizadores quase sempre utilizavam da força física para obter informações dos indígenas a respeito da localização das riquezas e dos mitos que povoavam seu imaginário, porém tais tesouros, como o "Eldorado", e o reino "das Amazonas", nunca foram encontrados.

O período colonial na Amazônia, que teve início a partir de 1600, foi, a princípio, caracterizado pela ocupação da região, ou seja, Portugal temendo invasões providenciou a construção de fortes e pequenas vilas em pontos estratégicos na região para impedir a entrada de expedicionários invasores. Esses assentamentos não tiveram grande expressividade na época, ou seja, sua função era mesmo garantir a soberania portuguesa sobre esta parte do território Amazônico.

5. O ciclo da borracha na Amazônia

Embora no período histórico e econômico da Amazônia intitulado pelos críticos como Ciclo da Borracha, o colonialismo e a escravidão já tenham dispersado suas origens e sua tendência hegemônica maciça, oriunda dos países europeus, muito das características destes processos de dominação ainda permaneciam regendo a sociedade amazônica, principalmente durante o período em que a borracha toma dimensões internacionais e passa ser a principal fonte econômica da região norte.

Após a decadência da exploração das drogas do sertão, durante o período colonial, uma outra riqueza natural que atraía os olhares e a cobiça do estrangeiro, a borracha, ou seringa, que passou a ser conhecida na Europa a partir da expedição do cientista francês Charles-Marie de La Condamine. La Condamine foi o primeiro a informar a existência da borracha para a Academia de Ciências de Paris em 1745, após sua viagem pela Amazônia em 1743, porém naquela época sua descoberta não é tão valorizada, uma vez não haver ainda tecnologia apropriada para fabricação de utensílios de utilidade e mercado interessado no produto derivado do látex amazônico.

É só a partir do século XIX, após sucessivos experimentos e refinamento do produto natural, que a borracha passa a despertar interesse industrial por parte de países integrantes da Europa Ocidental e os Estados Unidos.

A partir da descoberta da borracha como fonte de recursos, a Amazônia passa a ser palco não mais da exploração do indígena, mas sim do homem de forma geral. Até porque os indígenas resistiam com bravura à submissão ao trabalho escravo, cabe reprisar que neste período a escravidão, tanto indígena quanto negra, já havia sido proibida por decreto.

Devido a impossibilidade de se obter mão de obra escrava, surge a necessidade de manter a região economicamente viável e sustentável com a exploração da borracha, mesmo sem a possibilidade de se ter a mão de obra indígena. É a partir deste contexto que se busca a mão de obra na região nordeste que, assolada pela seca, muitos de seus habitantes almejavam uma solução rápida para sobreviverem e terem melhores condições de vida. Assim, os homens que surgiam naquela região com propostas de emprego tentadoras, convenciam com facilidade os nordestinos a partirem para os seringais da Amazônia.

Neste sentido, há uma nova configuração de trabalho na Amazônia. Ao invés de se ter o binarismo entre europeu e nativo, ou negro escravo, essa mão de obra será substituída pelo retirante nordestino, que se tornará seringueiro na Amazônia, criando assim, a relação seringalista e seringueiro substitui a relação europeu/nativo. A configuração é similar com a anterior pelo fato de haver domínio de um sobre o outro em condições desiguais. Nas palavras de Cunha (1999), “o seringueiro é o único homem que trabalha para escravizar-se”, ou seja, mesmo num período pós-escravidão negra, teremos ainda a presença de um outro modelo escravocrata na Amazônia durante o ciclo gomífero, que se configurará na relação entre seringueiro e seringalista.

6. O autor Ferreira de Castro e sua obra

José Maria Ferreira de Castro ou Ferreira de Castro, como ficou mundialmente conhecido, foi um escritor e jornalista português. Nasceu em 24 de maio de 1894 em Ossela. Ferreira de Castro ainda aos 12 anos de idade, depois de ter ficado órfão, parte sozinho para o Brasil, em busca de melhores condições de vida. Após ser enganado pelo tio vai parar nas margens do rio Madeira em um seringal chamado Paraíso, no município de Humaitá.

É no seringal Paraíso que Ferreira de Castro vai viver durante quatro anos de sua vida, passando por dificuldades e vivenciando o drama dos migrantes nordestinos em busca de sobrevivência no interior da floresta Amazônica. Tal experiência vai lhe render material suficiente para a publicação de um primeiro livro intitulado *Matador por Incidente* (1914), uma obra inicial a qual o autor se refere como uma escrita tímida. Além deste primeiro romance, em 1930 o autor publica *A selva*, uma de suas obras mais conhecidas e de prestígio mundial. A obra torna-se um verdadeiro sucesso mundial, sendo traduzida para mais de dez países entre eles: Estados Unidos, Inglaterra, Rússia, Alemanha e mais recentemente publicada no Japão no ano de 2001. Atualmente encontra-se em sua 42ª. edição em Portugal[3].

A selva é uma das obras mais conhecidas e mais importantes de Ferreira de Castro. É baseada na rica e forte experiência do autor no seringal Paraíso, às margens do rio Madeira, a qual faz um abrangente panorama da região Amazônica, tanto sob o olhar naturalista quanto sob uma perspectiva sociológica. O autor insere na obra aspectos significativos da natureza amazônica trazendo um panorama vivo dos mistérios da flora e fauna, além do teor sociológico ao tratar do trabalho semiescravo executado por nordestinos que se viam prisioneiros da floresta e do preço da borracha que decrescia a cada dia pela concorrência com o mercado asiático, o que os tornavam devedores, sem chance de saldarem suas dívidas e retornarem para suas terras de origem,

A narrativa tem como protagonista o jovem português Alberto, que é punido com o exilio em Portugal, por conflitos políticos, e assim vem para o Brasil. Durante algum tempo vive em Belém do Pará na casa de um tio que o acolhe, porém quando este cansa de sustentá-lo, sugere que ele vá trabalhar em um seringal. Por orgulho, Alberto parte para o seringal Paraíso. Durante a longa viagem pelos rios amazônicos, e em meio a indivíduos que ele menospreza em um primeiro momento, o protagonista vai aos poucos assimilando a realidade amazônica e refletindo sobre os muitos aspectos que a circundam. Ao longo da viagem, o narrador situa Alberto nos espaços que se sucedem com uma rica descrição pormenorizada da grandeza das matas e dos rios, e de tudo que o personagem vai descobrindo aos poucos, com um olhar que mescla espanto e deslumbramento ao mesmo tempo.

Além deste aspecto realista sobre a natureza, que revela tudo sem fantasiar, a obra também trata dos conflitos sociais, principalmente oriundos do grande *boom* da

---

[3] Neste trabalho utilizamos a 37ª. edição, publicada em 1989, pela editora Guimarães.

borracha, que na época da narrativa encontra-se em decadência no mercado pela concorrência asiática.

Embora um dos principais temas sociológicos seja a exploração dos migrantes nordestinos, outros temas também circundam a narrativa. No decorrer das páginas do romance nos deparamos com casos de barbárie oriundos do desejo sexual latente, uma vez que os seringueiros eram impedidos de levar a família consigo para reduzir os gastos. O próprio Alberto, que no início da narrativa mostrava-se cheio de princípios éticos e morais, com o passar do tempo, movido pelos "instintos da carne", chega a cogitar manter relações sexuais com D. Vitória, uma senhora sexagenária. Alberto também manifestou forte desejo por D. Yayá, esposa do sr. Guerreiro, funcionário de Juca Tristão.

Além das lutas por mulheres, outros temas se sucedem no decorrer da obra, como os conflitos entre indígenas e seringueiros, patrão e empregados, as doenças tropicais, pragas de insetos e animais, sucedem-se aos desesperos humanos causados pelo isolamento na selva, porém sobre todos eles sempre emerge a borracha como principal motivo por se encontrarem naquele lugar.

O próprio autor Ferreira de Castro, no prefácio para a obra, afirma que devia a obra aos companheiros de selva, a luta árdua de cearenses e maranhenses que tornaram-se seus irmãos no conturbado e angustiante contexto da floresta Amazônica e dos seringais.

7. O processo de dominação no seringal e ação de revide praticada por Tiago

Sintetizando a situação dos imigrantes dentro dos seringais, Ferreira de Castro consegue trazer para o leitor a opressão sofrida pelos seringueiros de forma realista, comprovada a partir de estudiosos que abordaram o tema, como Euclides da Cunha (1999), que aponta algumas características deste regime de semiescravidão e opressão por meio de dívidas infindáveis.

Assim como no sistema colonial, o imperialismo estava a todo vapor subjugando ainda mais os povos que outrora tiveram seus domínios extirpados e realocados sob o domínio de novos líderes. Após cerca de quase trezentos anos, a situação se repete, desta vez o ciclo econômico tem como base os seringais da Amazônia.

Isto se dá porque o financiamento da extração da borracha estava vinculado com as grandes casas aviadoras que funcionavam como uma espécie de banco que emprestava dinheiro aos seringalistas. A relação comercial entre a casa aviadora, o

seringalista e o seringueiro recebeu a nomenclatura de *aviamento*, e constituía-se em uma complexa relação econômica que prejudicava principalmente os seringueiros.

Tal relação é que possibilitou a exploração da mão de obra imigrante, uma vez que iludidos pela promessa de enriquecimento rápido, os trabalhadores já chegavam aos seringais com uma grande dívida, ocasionada pelo valor das passagens, além das despesas com todo o material de trabalho que era indicado pelos donos dos armazéns no seringal.

Cunha (1999) explicita que,

> No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150$000). Depois vem a importância do transporte, num "gaiola" qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150$000. Aditem-se cerca de 8000$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um refle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. [...] Aí temos o nosso homem no "barracão" senhoril [...] Ainda é um "brabo", isto é, ainda não aprendeu o "corte da madeira" e já deve 1:135$000. (CUNHA, 1999, p.12)

Os dados apresentados comprovam a realidade inicial do seringueiro, tal dívida configurava-se o primeiro dos muitos elos que constituíam as correntes de seu exílio escravocrata na Amazônia extrativista do final do século XIX. Os próximos elos seriam adquiridos paulatinamente e estavam ligados às necessidades de subsistência como a alimentação:

> Segue para o posto solitário encalçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3paneiros de farinha de água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de xarque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quimino. Tudo isto lhe custa cerca de 750$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o "brabo" canhestro, de quem chasqueia o "manso" experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090$000. (CUNHA, 1999, p.13)

É sob esta perspectiva de opressão que pautaremos a análise da obra, para tanto nos ateremos a alguns aspectos da teoria pós-colonial, tendo em vista que o regime de trabalho e escravização do seringal nos remete às imposições coloniais europeias sob os

sujeitos colonizados. Neste sentido, utilizaremos a teoria do revide, que analisa quais as formas de resistência encontradas pelos colonizados/trabalhadores para tentarem romper com a hegemonia do colonizador/patrão sobre si.

Nos moldes coloniais, o sujeito colonizado poderia tanto permanecer sob o jugo do colonizador como tentar livrar-se das amarras coloniais. Para tanto, os estudos pós-coloniais observam que há diferentes formas de romper com a hegemonia do colonizador, as quais podem ser físicas, com o uso de estratégias violentas como ataques aos colonizadores por meio de lutas, além das formas de resistência discursivas que são quase imperceptíveis ao olhar hegemônico.

Muitos teóricos consideram a resistência discursiva muito mais viável e poderosa do que aquela que utiliza a violência, por ser mais abrangente e conceder menos perdas como as que podem ocorrer nos embates físicos.

Os *revides violentos* são pouco viáveis porque, conforme muitos documentos históricos que ilustram guerrilhas entre colonizadores e colonizados há a nítida derrota dos dominados pelo fato de seu aparato de armas ser menor e mais rústico em relação ao dos colonizadores.

Em um de seus livros mais representativos, *Os condenados da terra*, o teórico antilhano Frantz Fanon em um primeiro momento considera o revide armado eficaz, porém conforme o passar do tempo, as perdas para os colonizados tendem a serem maiores e passa a ser um revide quase que nulo. (BONNICI, 2009).

Em contraponto, o revide discursivo é considerado mais eficaz porque é arquitetado de forma silenciosa, nas lacunas deixadas pela hegemonia colonizadora europeia. Neste tipo de resistência, Bhabha (1998) mostra-se como um especialista ao teorizar sobre a ambivalência do discurso colonial. Uma das formas discursivas abordadas por ele diz respeito a mímica como uma forma ambivalente de revidar, de acordo com Ashcroft et al. (2000, p.139) “Quando o discurso colonial encoraja o sujeito colonizado a ‘imitar’ o colonizador, adotando os hábitos culturais, suposições, instituições e valores, o resultado nunca é uma simples reprodução destes traços. Pelo contrário, o resultado é uma ‘cópia indistinta’ do colonizador que pode ser quase ameaçado.” Sob este enfoque dado a “imitação” podemos considerar que a imitação mascara o verdadeiro significado dela mesma, ao passo que mostra a submissão pela cópia dos hábitos culturais, também propaga inconscientemente a quebra dos padrões, já que ela não é idêntica ao padrão colonial. Bhabha (1998) afirma “quase o mesmo, mas não exatamente”. A suposta imitação na verdade, é um hibridismo que mescla a cultura

do branco europeu com a do colonizado, ao impor sua “verdade” cultural o colonizador incentiva a cópia que é também uma resistência camuflada.

Neste sentido, abordaremos a obra sob este enfoque de resistência, uma vez que um dos personagens da obra, Tiago, é umk negro que habita o seringal Paraíso. Por meio da teoria pós-colonial buscamos compreender como o sujeito pós-colonial revida às imposições do dono do seringal, seu Juca Tristão, que embora não seja um colonizador oriundo das potências europeias, age como se o fosse. Como levantado anteriormente, a mais primitiva forma de resistência colonial foi através da resistência física, a qual gerava mais percas do que ganhos para os sujeitos colonizados. Embora seja uma forma de resistência primária, ainda assim é viável no contexto colonial de revidar a hegemonia colonial.

Por meio de Bhabha (1998) podemos averiguar duas modalidades de resistência discursiva: a *sly civility*, ou cortesia dissimulada, e a mímica. Embora seja possível a constatação destes tipos de resistência em obras de cunho pós- colonial, na presente obra iremos analisar como a personagem Tiago consegue revidar a hegemonia propagada por Juca Tristão de modo discursivo e violento.

Tiago surge na obra de forma singela, sendo retratado pelo narrador como um sujeito aos moldes estereotipados tão comuns na mentalidade do colonizador. Ao permite-se ser utilizado como alvo humano por seu patrão e amo, em treinamento de pontaria, quando o mesmo posiciona-se na mira do patrão com uma laranja na cabeça, Tiago mostra uma certa cortesia dissimulada, já que somente Juca Tristão é quem pode “brincar” com ele com maior aceitação. Isto é percebido através do contraste existente entre a forma que ele trata os demais seringueiros que nada podem oferecer a ele e o dono do seringal.

Além de conceder benefícios sobre si mesmo, Tiago também busca agradar ao filho do amo, “O velho negro arrastava, pela selva, a sua perna coxa, para lhe trazer frutos raros, saborosos, que ele recebia quase indiferente, como se o mimo, fosse de obrigação.” (CASTRO, 1989, p. 94)

Delimitar a forma de resistência efetuada por Tiago requer que consideremos o seu modo de resistência como *sly civility*, ou cortesia dissimulada, uma vez que para conseguir benefícios, age de forma dissimulada, ou melhor, permite-se camuflar a partir de um discurso de civilidade que não é configurado na relação com os outros seringueiros,

> O negro Tiago, outrora escravo, agora quase inútil, só a ele consentia que o tratasse pela alcunha que considerava ultrajante. A sua perna coxa, origem do apodo, parecia-lhe desgraça demasiado grande para que os outros ainda se rissem dela. Muitos seringueiros exibiam cicatrizes de golpes de terçado que ele lhes dera, em arremetida desafrontadora. (CASTRO, 1989, p. 149)

A distinção de tratamentos nos leva a considerar que o negro não age com violência com Juca Tristão como faz com os seringueiros que zombam dele, apenas para conseguir benefícios dentro do seringal. Como podemos verificar no fragmento,

> — Eu, às vezes, sinto pena por este pobre diabo do Tiago. Outras vezes, enoja-me o ódio que ele tem a quem brinca com o seu defeito. O culpado é seu Juca. Se o metesse na ordem e proibisse os seringueiros de o tratarem por "Estica", acabava-se com isto. Mas qual! Ele próprio dá o exemplo. Como faz do Tiago o que quer, não se importa com o que ele faz aos outros.
> — Seu Juca parece que gosta muito dele...
> — Gosta, à sua maneira. E como o Tiago sabe isso, abusa. A seu Juca, é capaz de dar a vida; aos outros, por uma simples brincadeira, é capaz de os matar. (CASTRO, 1989, p. 182)

De acordo com Guerreiro, seu Juca permite que Tiago faça aos outros o que quer, porque ele faz do negro o que quer, usa-o como "fantoche humano", e por isso permite ao negro tratar os seringueiros da maneira que lhe convém. Nitidamente há uma troca, se Tiago não se portasse de maneira benévola para com Juca, dificilmente ele ganharia algum benefício do seringalista, assim, percebemos que por trás da passividade de Tiago para com Juca, há uma estratégia discursiva. Sutilmente o negro consegue o que quer e obtém meios que o permitem sobreviver no seringal sem ser necessariamente um seringueiro produtivamente ativo.

O comportamento de Tiago é semelhante ao da personagem Nash, no romance pós-colonial *A travessia do rio*, de Caryl Phillips. Nash consegue manter a figura de escravo obediente mesmo estando em outro continente, por meio de cartas ele mantém a confiança de seu antigo senhor, porém após certo tempo ele passa agir de forma diferente daquela aprovada pelo ex-dono. Consegue subverter a hegemonia com pequenos passos, o que o faz ganhar a confiança e benefícios ao mesmo tempo em que subverte a hegemonia sobre si.

O mesmo ocorre com Tiago, pois embora permaneça submisso e dócil ao seu amo por algum tempo, ele não consegue manter-se assim por muito tempo. O ex-escravo testemunha cenas de castigo que lhes remetem a seu passado de escravidão e lhe fazem reviver dolorosas situações do passado: cinco seringueiros não suportando

mais a exploração que eram submetidos ano após ano decidem fugir, porém para infelicidade de todos, são capturados e submetidos a castigos dignos do período escravocrata.

> Os outros, hoje, não comem...
> — Quais outros?
> — Os que tinham fugido. Os que estão no barracão velho...
> — Quem lhe disse isso?
> — O Alexandrino. Estão amarrados num tronco, como os negros que eram escravos, e fechados à chave para que ninguém vá lá...
> (CASTRO, 1989, p. 208)

Além de estarem atados ao tronco, os seringueiros fugitivos recebem castigo ainda pior, o que choca a todos e remete ainda mais ao período escravocrata.

> — É que o Alexandrino bateu, esta noite, com um peixe-boi nos homens. E eles gritaram...
> — Bateu?
> — Abriu a porta e, no escuro, sem que os homens soubessem quem era, zás! Zás! Zás!
> — Isso é capaz de não ser verdade...
> — Miserável!
> Elias baixou a ainda mais a voz:
> — A culpa não dele (sic). Foi seu Juca quem mandou... E durante oito dias eles não comem...
> (CASTRO, 1989, p. 210)

Embora o ocorrido escandalizasse a todos, ninguém toma nenhuma atitude em relação a decisão de Juca Tristão, os seringueiros apesar de machucados permanecem sob o castigo hediondo. Percebe-se que o seringueiro não tem opções dentro do seringal, tende a permanecer sempre dentro do regime opressor do seringalista. Se foge é capturado e punido pela ousadia como se fosse realmente um escravo, inferior e submisso ao dono do seringal.

Embora o fato seja hediondo e cause asco a Alberto, nem ele, nem os outros funcionários, como seu Guerreiro, ou mesmo os outros seringueiros, reagem em favor dos cativos. O seringalista constitui-se como uma figura de poder absoluto dentro do seringal, uma vez que todos são seus subordinados, e lhe devem obediência, e por este motivo, todas as suas decisões são irrevogáveis.

Apesar da inércia de todos em relação ao fato tenha perdurado por toda a noite, na noite seguinte somos surpreendidos com um evento a princípio misterioso e decisivo para o desfecho do enredo: o barracão onde reside Juca Tristão arde em chamas sem que

ninguém conheça a causa do incêndio. Fatalmente o seringalista é dado como morto por não ter conseguido sair a tempo de dentro do barracão.

O mistério perdura apenas por algumas horas, até que de quem menos se espera, pela sua contida participação ao longo do romance, assume a autoria do ato contra Juca Tristão,

> Sentido comoção na voz intrusa, o negro quebrou a sua calma, bradando colericamente:
> — Me deixa, sua peste! Me deixa já! Não foi por ti nem pelos outros como tu que perdi a minha alma e vou para o inferno! Foi porque seu Juca te fez escravo e aos outros safados que te acompanham. Se estivesse no tronco, como tu, o feitor que me batia lá no Maranhão, eu também matava a seu Juca. Negro é livre! O homem é livre! (CASTRO, 1989, p.219)

Contrariando a SPIVAK (1995), que acredita que na impossibilidade do subalterno falar, Tiago quebra o silêncio que até então era considerado inerente aos negros. Vai além da fala ao quebrar a hegemonia sobre si e sobre os outros quase escravos da relação seringalista/seringueiro, que nas palavras de Cunha (1999, p. 13) "é o homem que trabalha para escravizar-se".

Ao afirmar "O negro é livro! O homem é livre!", Tiago parece dar o grito que ficou calado em seu peito por toda uma vida de servidão. Ele grita como se quebrasse as correntes da escravidão sobre si e sobre os companheiros de seringal. É motivado pelo passado de servidão e de dor que permanece vivo dentro de si e que viu retornar ao vivenciar as ações de Juca Tristão contra os seringueiros.

Quando analisa a ação do colonizador Fanon afirma que,

> O colono [colonizador] faz a história e sabe que a faz. A história que ele escreve não é pois a história do país que ele despoja, mas a história de sua nação, quando rouba, viola e esfomeia. A imobilidade à qual é condenado o colonizado só pode ser questionada se o colonizado decide pôr termo à história da colonização, à história da pilhagem, para fazer existir a história da nação, a história da descolonização (FANON, 2006, P. 68)

Desta forma, o personagem Tiago ao queimar o barracão juntamente com seu opressor está pondo fim as amarras que ainda o prendiam a uma passado de subserviência, está mostrando a história da descolonização que no contexto da obra só foi possível através da resistência sutilmente engendrada e por fim o revide.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a conduta dos seringalistas mediante os seringueiros é similar a conduta dos colonizadores europeus com os povos colonizados. Neste sentido, ao utilizarmos a teoria pós-colonial como aporte teórico para a analise do personagem Tiago, que no romance é a representação do negro alforriado, mostramos as estratégias de resistência e subversão encontradas pelos sujeitos colonizados entre elas a *sly civility* e a resistência por meio de violência.

As obras de cunho pós-colonial geralmente possuem um caráter de desvendamento da história colonial, e quase sempre representam a dura realidade dos sujeitos colonizados mediante os colonizadores europeus. Embora a obra *A selva* não se constitua como uma obra essencialmente pós-colonial, ainda assim é uma obra de denúncia da realidade problemática e árdua que circundou os seringais amazônicos.

Neste sentido, ao analisarmos a obra, e em especial o sujeito pós-colonial na figura do personagem Tiago, verificamos que o personagem resiste de ambas as formas contra as amarras coloniais que ainda circundam o seu ser, e passam também controlar os migrantes nordestinos sob nova configuração, mas ainda assim similar a situação de seu passado escravocrata e, por esse motivo, julgamos adequado o enquadramento teórico analítico ao qual nos propusemos.

Em síntese, constatamos através da obra que o passado de dominação e escravidão do período colonial ainda estava bastante presente não só para o sujeito negro, mas também para os migrantes que buscavam melhores condições de vida e eram obrigados a se submeter ao trabalho escravo. Assim, Ferreira de Castro logrou êxito em sua obra ao torná-la instrumento de denúncia social que mostra a realidade do homem que vem desbravar os seringais da Amazônia, e as dificuldades oriundas da exploração do homem sobre o meio, e também do homem sobre o próprio homem, além da adaptação ao contexto da selva, que ora os amedronta, ora os encanta e aos poucos vai revelando suas várias formas de resistir à exploração de suas riquezas.

Além de revelar as facetas dos seringalistas contra os migrantes nordestinos, a obra também configurou-se como importante ferramenta historiográfica ao mostrar também o sujeito negro, marginalizado após a alforria, e que permaneceu oculto na historiografia amazônica. Ferreira de Castro, ao colocar o negro Tiago como o personagem que dá o desfecho a obra, não só dá lugar ao negro como “herói” da resistência, mas também como a representação do negro no contexto seringalista, com participação atuante neste importante episódio da história Amazônica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. (Org.) **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009.

BONNICI, Thomas. **Conceitos chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade:** estudos de teoria e história literária. 9ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASTRO, Ferreira de. **A selva**. 37ª ed. Lisboa: Guimarães, 1989.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2006.

GONDIN, Neide. **A invenção da Amazônia.** Manaus: Valer, 2007.

LOOMBA, Annia. **Colonialism/Post-Colonialism**. London: Routledge, 1998.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica sociológica.In: BONNICI, Thomas (Org.); ZOLIN, Lúcia Osana.(Org). **Teoria Literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense:** do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Omega, 1994.

SPIVAK, Gayatri. C. Can the subaltern speak? In: ASHCROFT, Bill. et al. **The postcolonial studies reader**. London: Routledge, 1995.